

:: Cadernos Especiais

Estes Cadernos propõem-se a ser um espaço de debate sobre questões relativas à profissão e também aquelas afetas à sociedade brasileira, além de questões no plano internacional. Portanto, teremos entrevistas, textos/columnistas, análises de conjuntura, críticas de filmes, livros e informes sobre eventos e seminários locais e regionais. Você pode participar produzindo material de qualidade, que traga questões relevantes para o debate sobre a profissão e relativas ao Brasil e ao mundo, além de enviar informes sobre eventos. Produza: entrevistas, textos, resenhas e críticas de filmes/livros e envie para nós!

:: Caderno Especial nº9 - V Fórum Social Mundial

:: Edição: 18 de fevereiro a 04 de março de 2005

:: Apresentação - O presente Caderno parte do reconhecimento da fundamental importância de apresentar aos assistentes sociais uma breve amostra do que ocorreu nesse V Fórum Social Mundial, visto tratar-se de um encontro extremamente importante (ainda que com muitos limites) e que se propõe à construção (possível) de um outro mundo.

Nossa categoria profissional - sintonizada com a necessidade de construção de uma nova sociedade - optou, em seu Código de Ética de 1993, por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero. Para tanto, é imprescindível a articulação com os diversos sujeitos coletivos - para além da categoria dos assistentes sociais - proponentes de tal processo de transformação.

Questionamentos à parte (e são muitos!), o FSM é um espaço de peso para tal articulação e para um vislumbre de como estão organizados os movimentos de resistência ao neoliberalismo e ao capital em âmbito mundial. Portanto, não é possível ignorar tal espaço, que de 26 a 31 de janeiro reuniu 155 mil participantes, sendo 35 mil integrantes do Acampamento da Juventude e 6.880 comunicadores. Pessoas de 135 países estiveram envolvidas em 2.500 atividades, e 2.800 voluntários trabalharam na realização do encontro. O próximo Fórum Social Mundial, em 2006, será descentralizado, realizado em vários lugares do mundo, e, em 2007, acontecerá na África.

O presente Caderno traz ao público um "texto-reportagem", ou melhor, uma espécie de "diário de campo" do V Fórum Social Mundial, escrito pela professora Lúcia Barroco (PUC/SP), que busca, de forma crítica, dar seu depoimento sobre sua passagem pelo FSM. E, ainda, um texto sobre o FSM enquanto um espaço privilegiado de pesquisa para o Serviço Social.

Se você, caro(a) leitor(a) teve a oportunidade de participar do FSM e gostaria de enviar sua opinião sobre a importância do evento, entre em contato, que publicaremos sua matéria nesse Caderno Especial.

Um abraço, a Editora.

:: **Reportagem** - "Porto Alegre, 40 graus" - de autoria da professora Maria Lúcia Barroco.

:: **Texto** - Fórum Social Mundial e Direitos Humanos: espaço privilegiado de pesquisa para o Serviço Social. - de Cristina Maria Brites e Maria Lúcia Barroco

:: **Fóruns pelo Mundo**

:: Reportagem - "Porto Alegre, 40 graus"

por Maria Lúcia Barroco*.

“Se o Fórum não for capaz de trabalhar efetivamente por um mundo novo...

Será sempre a nossa música, mas não poderá se transformar em nossa luta “

(Arundhati Roy, FSM, 2004).

Mais de quinze mil pessoas se levantam mais de uma vez para aplaudir José Saramago. Ontem alguém havia dito que não precisaríamos acordar tão cedo para ir ao ginásio, pois os jovens provavelmente não se interessariam por ele. Apostei na juventude e me emociono ao vê-los agora. Porque a cena me parece a de uma gigantesca sala de aula e no centro o mestre dos mestres. O tema: “D. Quixote: utopia e política”.

Na mesa, seis palestrantes e personalidades como Eduardo Galeano. A diferença é que o mestre discorda de todos e vai logo informando: “sinto decepcioná-los, mas considero o conceito de utopia totalmente inútil, e, além disso, entendo que ninguém vai para o paraíso, pois, nem mesmo existe paraíso [...] Também não considero D. Quixote um utópico. Dizem que Alonzo, seu verdadeiro nome, enlouquece e resolve mudar de nome. D. Quixote não era um utópico, era um pragmático... alguém que não conseguia mais conviver com a vida que levava; estava farto de sua vida, mas como no seu tempo não havia condições de mudar de vida, se declara louco sem o ser”.

Grito meu primeiro “lindo!”. E a colega ao lado me olha desconfiada. A mesma que me havia dito que não precisava acordar tão cedo. Deixa pra lá. Saramago começa então a aprofundar seu posicionamento sobre a utopia em sua relação com a democracia. Destoando dos demais palestrantes – que de formas variadas afirmaram a “utopia” como algo que orienta o hoje -, o mestre nega o conceito que, repete ele, poderia ser tirado dos dicionários. Assim, “se existem hoje cinco milhões de pessoas vivendo na miséria e não fazemos nada, a utopia é inútil, não significa nada [...] O discurso sobre a utopia é o discurso sobre o não existente, sobre o que não se sabe o que é, sobre o que não se sabe onde está ou como se alcançar. Precisamos de algumas coisas, mas somos conscientes de que não podemos tê-las. O grande equívoco é pensar que o que precisamos possa talvez ser realizável daqui a 150 anos. Porque com isso passamos a ignorar o que não podemos ter hoje, isto é, ignoramos a contradição”. Além disso, quem é que nos garante que daqui a 150 anos os que virão estarão interessados no que nós estamos hoje?

Diz ele, “é preciso uma revisão rigorosa dos conceitos, pois, em geral, usamos as mesmas palavras para dizer coisas opostas. E isso não apenas em relação ao conceito de utopia. Por exemplo, o conceito de esquerda, é preciso discuti-lo aqui no FSM. E o conceito de democracia? Não discutimos a democracia...que permanece como uma santa no altar. No entanto, a ‘democracia’ que vivemos é seqüestrada...o poder que temos é limitado a deixar tirar do poder um que não gostamos para colocar outro que talvez venhamos a não gostar...Que democracia é esta se os grandes organismos internacionais não são eleitos democraticamente?” E com a profundidade que lhe é peculiar ele complementa: “Não, o amanhã se fará com o trabalho de hoje; por isso, ao invés de utopia proponho trabalho, determinação, objetivo, ação”.

Do meu lugarzinho no meio daquela multidão penso no quanto estou alimentada de sabedoria e me admiro à moda da mais antiga tradição filosófica. Salve mestre Saramago. Mas toda esta contemplação não me faz indiferente a um fato que aconteceu naquela mesa, composta por seis homens e apenas uma mulher, Vitória, a única a quem não deram a palavra, embora seu nome possa ter dito algo interessante, mesmo sem nada dizer. Salve mestre Saramago e quem antes dele nos mostrou porque é que não podemos ignorar as contradições, hoje.

É sábado e antes que eu me dedique àquilo que do ponto de vista erótico-estético pode complementar o prazer ético-político que senti pela manhã - o cinema e a dança -, vou a uma reunião organizada pela revista “Margem Esquerda” e pelo “Projeto K”, rede européia de editoras marxistas, tais como, Actuel Marx, Viento Sur, El Viejo Topo, com o objetivo de formar uma rede internacional de revistas marxistas. Da América Latina estão presentes, além dos organizadores: América Libre, Lutas Sociais, Herramienta, Crítica Marxista, Chiapas, Estratègia, Alfaguara. Sucesso! Está formada a rede, com uma série de propostas práticas para sua operacionalização, intercâmbio e divulgação.

Impossível participar de parte significativa das atividades culturais do FSM. Bem que tentei. Meu “diário de campo” mais parece uma daquelas agendas de ano novo cheia de planos, dietas, ginástica, mil coisas. Bem, depois de dois dias constatando que não dava para andar quilômetros naquele sol, assistir a três seminários e participar de pelo menos duas atividades culturais por dia decido reduzir minha “carga horária”.

Cinéfila, opto pela mostra “Ao sul do cinema” uma seleção de 16 filmes produzidos com verbas do Fond Sud de Cinema, que visa apoiar a criação cinematográfica nos países do Sul. Do Brasil, fazem parte da mostra os filmes, Narradores de Javé (Eliana Caffé), Quase dois Irmãos (Lucia Murat), Central do Brasil (Walter Salles), Capitalismo Selvagem (André Klotzel). Os demais são produções do Marrocos, Argentina, Cambodja, Senegal, Tajiquistão, Guiné-Bissau, China, México, República Centro Africana, Tunísia e Líbano. Com exceção dos brasileiros, nenhum deles havia sido passado no Brasil. Dos que vi, o que mais me tocou foi “Al Zadua – as ruas de Casablanca”, de Nabil Ayouch, 2003. O filme aborda o cotidiano de três adolescentes que vivem na rua e seu enfrentamento com a vida e a morte. O que mais me encanta no cinema é a possibilidade de viajar no espaço e no tempo, visitar outras culturas, etnias, valores, linguagens, modos de expressão. E depois ter muito cuidado ao perguntar sobre o sentido e o valor de tudo isso porque as medidas vão depender de cada contexto. Assim, a vida desses meninos é terrivelmente desgraçada e triste, mas eles ainda conseguem ter momentos de esperança e alegria. Mas não posso avaliar se ela é melhor ou pior do que a dos meninos daqui; é apenas diferente.

Outro filme, do Cambodja, que mostra o cotidiano de uma família, nas plantações de arroz, também me dá a mesma sensação de estar diante de uma situação insuportável. Mas, refletindo melhor penso que talvez eles diriam o mesmo de nosso trabalho no sertão. De todo modo, refletir sobre a questão da diversidade - que vem a ser a proposta da mostra de cinema no FSM -, é fantástica e vale para todos os momentos. Atenção, cinéfilos!

A organização espacial do FSM deste ano foi propositalmente horizontal, de modo que todas as atividades foram distribuídas ao longo das margens do rio Guaíba e concentradas de acordo com a programação proposta pelas organizações e movimentos. Isto propiciou inúmeras iniciativas inéditas e significativas. Grupos, redes e movimentos feministas, por exemplo, tiveram uma idéia super criativa; alugaram um barco, o “Barco da Diversidade” e lá organizaram suas manifestações e atividades durante os quatro dias do Fórum. Visitei o espaço da Economia Solidária, com suas redes e feira de produtos alimentícios e de artesanato; o espaço dos Direitos Humanos, dos Movimentos e Lutas Sociais, o da Terra, onde havia uma grande tenda-restaurant com muitas opções de comida natural, além dos lugares dedicados às alternativas artísticas - nos galpões da Usina do Gasômetro (que concentrava o espaço das Artes e do Pensamento), na Praça do Por do Sol, nas Tendões, especialmente a de

Cuba, à noite. Isso sem contar as mil bancas de livros, revistas, publicações alternativas, ao longo de todo o Rio, uma loucura.

Mas não posso deixar de observar que esta forma de organização também possibilita a constituição de vários “forunzinhos”, cada qual com sua autonomia, pensamento, linguagem, valores. Cada espaço concentra suas atividades (três seminários ou oficinas por dia) de maneira que cada público acaba se localizando em um mesmo espaço, até por falta de tempo e de dificuldade de locomoção, pelo calor, etc.

Andando pelo “cidade Fórum” à margem do rio, à noite, é essa a minha percepção. Ao lado do acampamento da juventude vejo uma tenda espacial. Me aproximo orientada pelo som Onnnnnnooonnn. A tenda “galáctea” é aberta e muitas, muitas jovens, de olhos fechados, fazem uma espécie de confraternização, vão caminhando, meio dançando, em círculo, se apresentando através de toques sutis, delicados, ao som de um mantra. O ambiente é de muita paz e elas parecem estar muito felizes. Legal. Mas noto que não tem nenhum menino na roda. Porque os meninos só estão olhando e não entram na roda? Me lembro da Vitória. Salve mestre.

Me encaminho para outra roda. Desta vez todos (as) sentados (as) em volta de uma fogueira de olhos fechados também enquanto alguém, de pé, vai passando e falando ao ouvido de cada um (a). O que será? Ao lado, outra tenda. Algumas pessoas deitadas, parecem meditar. Ouço uma música mais adiante. Me aproximo de outro grupo e acho que entrei no túnel do tempo. Estou no acampamento das “Doze Tribos de Israel”. Um grupo dança numa grande roda, os homens têm uma barba muito grande e as mulheres têm tranças e uma saia longa; eles estão corados e também me parecem muito felizes. Vejo as fotos da fazenda onde eles vivem, uma verdadeira comunidade. Realmente a diversidade está presente no Fórum, penso eu. Isso aqui está realmente uma grande festa. E diante disso nada melhor do que salsar na tenda cubana, onde encontro a minha turma.

Todas as atividades do FSM 2005 foram autogestionadas, diferente dos anos anteriores quando as conferências, seminários, oficinas, depoimentos, etc. eram organizados em eixos temáticos definidos previamente pela organização do Fórum e contávamos com grandes conferências que permitiam unir todas as “tribos”. Este ano, vejo que a tendência de cada grupo permanecer no seu espaço dificulta a troca, resultando em uma maior fragmentação do todo. Isto é agravado pela distância entre os espaços, pelo calor e pela estrutura das tendas (verdadeiras saunas) que dificultam a permanência consecutiva nos três períodos (pelo menos para quem tem mais de trinta...).

Quero dizer que a distribuição horizontal não é só espacial, mas fez parte da metodologia do FSM 2005; uma opção política que, pra mim, reforçou a tendência “não diretiva” do FSM. Isso

resultou no fortalecimento de sua fragmentação teórica e prática e em sua conseqüente desarticulação política. Explico.

Participo do FSM desde 2001, por razões políticas óbvias, mas, também, porque estou desenvolvendo uma pesquisa que tem o FSM como objeto . Ela indaga sobre o significado e as potencialidade dos movimentos de resistência global que comparecem ao FSM, no contexto marcado pelo aprofundamento das conseqüências destrutivas do capitalismo, pelo avanço da barbárie e do imperialismo, e, pela crise dos projetos socialistas, do movimento operário e dos partidos de esquerda. Especialmente, interessa saber se é possível construir algum tipo de proposta objetiva para a construção de “um outro mundo”; núcleo central da pesquisa, uma vez que o FSM não se coloca como um espaço propositivo.

Definida em sua Carta de Princípios, a não deliberação em nome Fórum, segundo seus organizadores, visa assegurar a diversidade, em oposição ao pensamento único, neoliberal. Nossa indagação é se – necessariamente, a diversidade exclui a unidade política em torno de projetos. As primeiras aproximações da pesquisa já apontaram tensões e diferentes concepções sobre estas questões; mais sutis entre os organizadores e mais evidentes entre os participantes, intelectuais e militantes, aprofundando-se a cada edição do evento. Observa-se uma forte tendência a não vincular o FSM com projetos políticos; o que se desdobra em várias expressões e tende a colocar os valores éticos como mediadores da diversidade. Em outra direção, muitas perspectivas que defendem a necessidade do FSM se politizar não negam a ética nem a diversidade, mas as entendem em sua articulação com a política, enquanto luta pela hegemonia. É esta, por exemplo, a posição de intelectuais como Paulo Arantes que, desde 2002 já afirma que “O Fórum precisa perder esse caráter de feira, em que as organizações vêm ‘vender’ idéias, cada uma com sua barraquinha. É preciso que se torne efetivamente um foco de poder político” (Revista Fórum; 2002: 13).

A politização acaba se desenvolvendo no processo do próprio Fórum. O de 2002, marcado pelas manifestações de oposição à guerra e ao imperialismo norte americano, já deixa evidente, na avaliação de James Petras, a divisão política entre “radicais e reformistas”. E, para ele, mesmo que o Fórum tenha sido capaz de realizar um diagnóstico profundo da crise mundial e dos movimentos radicais terem colocado o socialismo no centro do debate, ao final, não conseguiu superar sua tendência ao reformismo. Isto o levou a afirmar que - caso o FSM de 2003 não radicalizasse sua agenda seria preciso defender uma nova idéia: a de que “um outro Fórum seria possível”. (Arquivo FSM; Balanço:2002). Miguel Romero considera que o FSM 2002 consolidou a hegemonia da “ala militante” do movimento “cuja expressão política é a Declaração dos Movimentos Sociais e cuja identidade consiste em conceber que o Fórum deve ser, acima de tudo, um processo de intercâmbio de experiências para articular lutas” (Idem).

Para Emir Sader o FSM pode vir a ser algo novo, constituído, também, do resgate “da herança acumulada pela esquerda histórica, pelos movimentos sociais e pela produção teórica” (Sader,2003:95). Em 2003, ele avalia que o FSM tem como elementos de força: a reapropriação teórico-prática do que existe “de melhor” nos mais diversos setores, movimentos, forças políticas e representantes do mundo acadêmico e cultural e o “reconhecimento moral de que os grandes temas da humanidade na entrada do novo século são discutidos no seu interior, e não em Davos”. Entre os elementos de fraqueza ele situa: “a ausência ainda de tradução desses elementos de força em força política, para exercer no sentido – seja no plano de governos, de parlamentos ou de outras formas, além de mobilizações de massa, que possam exercer efetivamente o veto sobre políticas neoliberais vigentes, seja sob outras formas inovadoras de políticas” (A Vingança da História, Boitempo, 2003:95).

No FSM de 2004, na Índia, em sua fala de abertura, a escritora indiana Arundhati Roy, enfatiza a necessidade do Fórum responder objetivamente à barbárie, apresentando uma proposta concreta de ação: o boicote internacional a duas corporações internacionais envolvidas com as guerras, com a degradação do meio ambiente e o desrespeito aos direitos humanos. A escritora associa o boicote aos mecanismos da globalização, ao que o pensador neoliberal Thomas Friedman chama de ‘dedo oculto na mão invisível do mercado’, ou seja, “o recurso à guerra e à violência; o dedo que aperta o gatilho”. Segundo ele, afirma a escritora, “o Mac Donald’s não pode prosperar sem o Mac Donnell Douglas, criador dos caças F-.” Para a indiana, o boicote poderia ser uma ótima forma de viabilizar a unidade na diversidade; mostrando às pessoas que “pensam tão diferente” que “temos inimigos em comum” (Revista Fórum,2004;12).

Tais posições estão longe de ser dominantes. Ao contrário, me parece que, na organização do FSM 2005, prevaleceu a tendência oposta. Entretanto, o FSM é um movimento histórico vivo que se renova através da objetivação das pautas programáticas dos movimentos sociais e dos Fóruns regionais e continentais. Sua dinâmica é mais complexa do que a intencionalidade de seus idealizadores e forças responsáveis pela sua organização.

Particpei de um seminário muito importante para esse debate, organizado pela Editora Boitempo, com o tema “Poder e contra poder” e a presença de Ricardo Antunes, Emir Sader, John Holoway e Carlos Eduardo Martins.

Holoway tem uma tese muito peculiar; para ele, o poder obedece à lógica do capitalismo; logo, sua proposta é a de transformar o mundo sem tomar o poder. Para tal, a primeira iniciativa deve ser pensada em termos da ruptura com a temporalidade do capitalismo, o que significa: “romper a duração do capitalismo dizendo não”, pois o problema não está posto no “como destruir o capitalismo”, mas “como deixar de criá-lo.” Diz ele: “quando dizemos não ao capitalismo, deixamos de alimentá-lo, buscamos outras formas de vida. A segunda iniciativa deve ser dirigida à busca das novas formas de vida; modos de organizar a vida que não têm

nada a ver com a tomada do poder ou com as formas de pensar capitalistas. Não se trata de um contra poder, mas, de um anti poder”.

Para Antunes, a urgência que se coloca hoje – a tarefa de mudar o mundo- é fundamentalmente o desafio da busca de novos caminhos, uma vez que as experiências do socialismo real, da via parlamentar, enfim, as experiências da esquerda no século vinte mostraram que o socialismo do século XXI deverá ser diferente. Assinalando o protagonismo histórico da América Latina – como laboratório de resistência das lutas para a transformação do mundo-, e, de Marx, como autor do século XXI, pela sua dimensão emancipatória, Antunes enfatiza a necessidade de ampliar as lutas sociais em todos os espaços, a exemplo dos anos 1980, mas, acrescenta, “é preciso saber combinar a luta social com a luta política”.

Sader situa a questão do poder em relação à política, à economia, ao mundo do trabalho, à guerra e à luta pela hegemonia articulando-os ao FSM 2005. Ele assinala que tais temas não estão presentes no Fórum e deste modo, “não haverá outro mundo se o Fórum não se politizar”. Explica: “isto não quer dizer partidarização. As proposições precisam se transformar em realidade; é preciso, a exemplo de Lênin, ser intelectual e militante, isto é, criar as condições para que a transformação possa ser feita. A história está ausente nos debates do Fórum.”

Antunes e Sader salientam a importância da apreensão crítica dos fundamentos do poder, “pois para construir um poder alternativo é preciso compreender que o poder hegemônico se constrói através da guerra, da dominação econômica, do american way of life” (Sader). “É preciso lembrar que o poder tem centro sim (Antunes). Já Sader lembra que “a construção de um poder alternativo também deve contemplar a classe trabalhadora que vive nos centros de poder do capitalismo, isto é, ter propostas para o campo e para a vida urbana.

A ausência da temática do Estado nos debates do Fórum é apontada por Sader como um problema político, pois, “o Neoliberalismo é uma máquina destruidora de direitos e quem disputa hegemonia deveria saber que tornar os direitos públicos é a base do socialismo; um Estado que afirme o trabalhador”.

A passagem de Lula pelo Fórum, mesclada por aplausos e vaias foi mais uma vez infeliz. Sua referência aos protestos como “atos de filhos rebeldes do PT que vão amadurecer e voltar ao partido quando crescerem” causou indignação não apenas nos ex-militantes e ex-simpatizantes, mas, inclusive em personalidades que, a exemplo de José Saramago evitaram falar do governo, em suas palestras. Indagado sobre o episódio em entrevista para um jornal local, o mestre “passou um sabão” em Lula: “não é bom para ninguém, não fica bem para ninguém ser paternalista, muito menos para um político”. Podia ter passado sem essa.

Nos debates, nos corredores, nas passeatas, as manifestações em relação ao governo do PT e à Lula estavam divididas. Mas, de modo geral, existe uma repercussão desfavorável, na mídia internacional. Não tem como separar a história do Fórum, do PT e das expectativas criadas, mundialmente, com a eleição de Lula. De fato, o mundo - e com o Fórum, a visibilidade tornou-se maior - voltou-se para a experiência do PT em Porto Alegre e para a eleição de Lula como a grande esperança política de transformação possível por via institucional. Hoje, a frustração não afeta somente aos brasileiros e isso repercute no FSM.

Em jornal distribuído no Fórum (IPS), Walden Bello, do Focus on the Globus South uma importante rede de comunicação, refere-se a Lula como “o mimado de Washington e Wall Street, devido à sua completa submissão às medidas propostas pelo FMI”. Diz ele: “enquanto o Brasil se dobrou sob pressão, outros governos, com os da Venezuela e da Argentina estão dirigindo seus passos para outros caminhos [...] O ‘problema’ Lula afeta não apenas aos brasileiros. Muitos dos milhares que estão viajando, com dificuldades para Porto Alegre, estão descontentes com o papel do Brasil na reanimação da OMC”.

Por outro lado, o discurso de quase duas horas de Hugo Chavez no Gigantinho, no penúltimo dia do Fórum, como noticiou um jornal local “roubou a cena” (Zero Hora; 31;01) e foi comparado a Lula, pelo público, durante o evento, e, pela imprensa, em sua cobertura. De fato, assistindo pela TV, pude constatar a enorme receptividade do público, composto hegemonicamente por militantes, trabalhadores e movimentos organizados, às suas críticas ao imperialismo norte-americano e ao seu depoimento sobre os programas sociais que seu governo tem desenvolvido com a ajuda de Cuba, especialmente na área da saúde e da educação.

Chavez foi apresentado por Ignácio Ramonet, do “Le Monde Diplomatique”, como um “líder latino-americano de um novo tipo”, especialmente porque, segundo ele, Chavez “está provando que é possível cumprir as promessas de campanha e está mostrando que é possível realizar seu projeto sem que para isso seja preciso abrir mão de sua ideologia, e, também porque está comprovando que isso pode ser feito democraticamente, pois em seu governo não existe nenhum opositor preso”.

A costura política do FSM se fez mesmo nas reuniões e articulações cujo resultado foi divulgado no final de semana, quando foi lançado o “Manifesto de Porto Alegre” (MPA), assinado por parte dos membros do Conselho Internacional (Emir Sader, Ignácio Ramonet, Adolfo Esquivel, entre outros), mas sem caráter oficial, exatamente pelo princípio aqui situado. Os movimentos sociais também apresentaram sua Declaração Final (DMS), que serve de orientação para as lutas mundiais até o próximo Fórum. Os documentos coincidem nos seguintes pontos:

- 1) anulação da dívida externa dos países do sul;
- 2) promover o comércio justo, rechaço às regras da OMC;
- 3) direito à soberania alimentar, direito à alimentação;
- 4) proibir toda a propriedade sobre o conhecimento e seres vivos assim como qualquer privatização dos bens comuns da humanidade, especialmente a água;
- 5) lutar contra racismo, discriminação, sexismo, xenofobia e anti-semitismo;
- 6) exigir o desmantelamento das bases militares estrangeiras e a retirada de suas tropas de todos os países, salvo as que atuam com permissão da ONU;
- 7) tomar medidas urgentes para pôr fim à destruição do meio ambiente e à ameaça das mudanças climáticas graves devido ao efeito estufa;
- 8) Reformar e democratizar em profundidade as organizações internacionais, entre elas a ONU.

O MPA prevê que em caso de persistirem as violações por parte dos EUA, transferir a sede da ONU para outro país.

Quanto à comunicação, o MPA propõe:

- 9) garantir o direito à informação dos cidadãos mediante legislações que ponham fim à concentração de veículos em grandes grupos de comunicação, garantir a autonomia dos jornalistas, favorecer a imprensa sem fins lucrativos, alternativa e comunitária; a DMS defende a comunicação como direito humano fundamental.

Constam apenas do MPA:

- 10) aplicar taxas internacionais às transações financeiras, aos investimentos diretos no Exterior, aos benefícios das multinacionais, à venda de armas e às atividades que produzem efeito estufa;
- 11) desmantelar progressivamente todas as formas de paraíso fiscal, jurídico e bancário;
- 12) defender o direito ao emprego, à proteção social e aposentadoria.

São explicitadas as seguintes lutas na DMS:

- 10) defender os direitos dos excluídos: os dalits (intocáveis), afro-descendentes, indígenas, romãs, birakumis, entre outros;
- 11) rechaçar os transgênicos, das patentes, defender a reforma agrária e a agroecologia;
- 12) defender os imigrantes e refugiados;
- 13) defender a saúde e a educação como direito e bem público;
- 14) lutar pela emancipação da pobreza;
- 15) defender o povo palestino e os ativistas israelenses pela paz;
- 16) condenar o bloqueio a Cuba e defender o julgamento justo para os cinco presos cubanos nos EUA;
- 17) retirada das tropas estrangeiras do Haiti.

Voltando a Sampa vou logo ao cinema. E para comemorar em grande estilo, na sessão da tarde com direito à garoa, café, chocolate e nada menos que Godard. O filme, "Nossa música" põe questões sobre o sentido da existência humana, no contexto da barbárie. Que paulada! Nossa música?... Me lembro de Arundhati Roy. Mas aí, vocês terão que ver o filme pra entender mais essa viagem.

Nota - * Maria Lúcia Barroco é assistente social, doutora em Serviço Social e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos (NEPEDH-PUC/SP) e da Pesquisa "Ética e Direitos Humanos: unidade e diversidade do Fórum Social Mundial".

:: Texto

Fórum Social Mundial e Direitos Humanos:
espaço privilegiado de pesquisa para o Serviço Social.

Cristina Maria Brites e Maria Lucia Barroco*

É recente, não incipiente, o desenvolvimento da pesquisa em ética e direitos humanos no Serviço Social brasileiro. Vinculado ao amadurecimento teórico-prático da ética profissional nos anos 1990, tem se objetivado nacionalmente através da Iniciação Científica, de Trabalhos de Conclusão de Curso, de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, desenvolvendo-se, também, através da criação de Núcleos de Pesquisa em Ética e Direitos Humanos nas Unidades de Serviço Social. O vínculo teórico-político entre ética e direitos humanos é herdeiro da incorporação de referenciais críticos, impulsionadores da ruptura com o conservadorismo moral e com os fundamentos metafísicos da ética tradicional, bem como da articulação política da categoria com as lutas democrático-populares da sociedade brasileira, em sua defesa dos direitos, em suas várias dimensões e nos diversos espaços de atuação.

Embora a relação entre o Serviço Social e os direitos humanos não seja nova podemos afirmar que uma nova perspectiva - crítica e histórica – passa a orientar predominantemente as abordagens teórico-práticas dos direitos humanos a partir dos anos 1990. Decorre, especialmente, de uma nova geração de assistentes sociais que – vinculada à academia, à prática profissional e à militância política – já se coloca como produto das conquistas do projeto ético-político de ruptura, fundamentalmente dos investimentos efetivados no âmbito da capacitação ética.

Expressão de ganhos históricos duradouros e valorosos, a ética, na entrada do século XXI, revela seu vigor ao mostrar-se capaz de permanecer como um dos temas privilegiados do debate nacional, como um eixo norteador do projeto profissional de ruptura, ampliando-se para outros espaços e atividades. Assim, a abordagem crítica e histórica dos Direitos Humanos no Serviço Social é inseparável dos avanços éticos, já assinalados, abrindo a possibilidade de uma superação crítica tanto da perspectiva humanista abstrata inerente ao Serviço Social tradicional, como do anti-humanismo marxista, presente no processo de renovação ética, em suas origens. A apropriação da ontologia social de Marx permite nova relação entre a ética e os direitos humanos que, entendidos criticamente em seus fundamentos históricos, podem ser tratados em seus limites objetivos, na ordem burguesa e resgatados enquanto bandeira de luta dos excluídos e expressão de conquistas históricas da classe trabalhadora e dos movimentos socialistas.

Mas a ampliação do debate profissional e da produção teórica sobre os direitos humanos, em sua articulação com a ética, não decorre apenas de processos internos à profissão; inúmeras determinações sócio-históricas são responsáveis por sua emergência como tema cotidiano e exigente. Invadindo a vida cotidiana, através da mídia, retrata a barbárie, nas mais inusitadas manifestações; motivando questionamentos políticos e filosóficos, entram pelo novo século exigindo que se indague, inclusive, sobre o sentido de sua existência e sobre a sua viabilidade, como reivindicação de luta pelo atendimento de necessidades das classes, extratos e grupos socialmente excluídos de todas as expressões da riqueza humana, material e espiritual historicamente construída.

De fato, aos cinquenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, comemorados em 1998, contrapõem-se as conseqüências destrutivas do capitalismo e do neoliberalismo para a preservação da humanidade; condição social que se agrava a partir do avanço do imperialismo norte americano, favorecido pelos atentados de 2001 e pelas eleições de 2004, avanço sustentado ideologicamente pelo conservadorismo moral e pela reprodução de um ethos valorizador da violência em nome da defesa da honra, da cidadania e dos Direitos Humanos.

No final do século XX, as tendências destrutivas inerentes à reprodução do capitalismo, articuladas às conseqüências da chamada “globalização neoliberal” atingem predominantemente os países do “sul” passando a ser denunciadas pelos movimentos organizados, conforme se agravam as condições de vida, de trabalho e de sobrevivência da maioria da população. Ao mesmo tempo, no contexto de crise do socialismo real, dos partidos e da esquerda, em geral, surge um fenômeno social cuja natureza tem sido interpretada de diferentes formas pelos especialistas: movimentos contra-hegemônicos; determinadas manifestações da sociedade civil que se apresentam sob variadas formas, que têm como principal marco de origem os protestos de Seattle contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1999, desenvolvendo-se mundialmente através de redes e formas de articulação virtual, caracterizadas como movimentos antiglobalização ou forças de resistência ao neoliberalismo.

É nesse contexto que surge o Fórum Social Mundial (FSM), evento internacional que a partir de 2001 se constitui em espaço de convergência anual dos movimentos antiglobalização e de oposição à Davos, que se apóia na projeção ideal de que “ Um outro mundo é possível”. Seu protagonismo, ainda que pese a divergência de análises sobre sua direção social e política, não pode ser negado. Sua capacidade de agregar uma imensa diversidade étnico-cultural, racial, de gênero, de movimentos cria possibilidades inéditas de conhecimento das formas de ser do humano genérico, em suas particulares manifestações culturais, expressões estéticas, em seus modos de pensar, seus valores e sua criatividade na organização da vida, em todas as suas dimensões .

O FSM tem por objetivos: impulsionar o debate plural, a troca de diferentes experiências culturais, alargar o espaço público mundial para o exercício da cidadania no campo progressista-democrático, desencadeando uma prática de reflexão sistemática política em torno da globalização neoliberal e de criação de propostas alternativas para o seu enfrentamento e superação. A ética, formulada em sua Carta de Princípios, unifica seus participantes na defesa de “Um outro mundo”, apontando para a defesa de valores universais, tais como a liberdade, igualdade, diversidade e solidariedade. A intrínseca relação da ética com a defesa dos Direitos Humanos coloca o FSM como um espaço privilegiado para os pesquisadores assistentes sociais; por isso, o elegemos como objeto de pesquisa.

A Pesquisa “Ética e Direitos Humanos: unidade e diversidade do Fórum Social Mundial” integra o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos da PUC-SP (NEPEDH) e o Grupo de Estudos em Ética da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ao analisar o FSM, pretende contribuir para o conhecimento atual das lutas mundiais em defesa da ética e dos Direitos Humanos, articulando-as ao trabalho profissional do assistente social.

Ao discutir “unidade e diversidade” estamos problematizando um dos aspectos mais polêmicos do FSM: sua decisão – firmada como um dos princípios reguladores da participação no evento, em nome da preservação da sua diversidade-, de não subscrever nenhuma proposta, nenhuma estratégia de luta ou qualquer documento que coloque o FSM como representante da contra-hegemonia neoliberal. Desde a sua primeira edição, em 2001, as divergências em relação à essa questão tem aumentado, colocando-se como um eixo central de nossa investigação. Para alguns, a unidade do FSM pode ser garantida pelos valores éticos; para outros, pela unidade política; uns entendem que a unidade política pode romper a diversidade presente ao evento; outros pensam que não necessariamente. Entre essas oposições existem muitas tendências intermediárias, cuja apreensão demandou duas metodologias de investigação: uma pesquisa de campo qualitativa e uma documental.

Esperamos que os resultados da pesquisa contribuam para uma sistematização inovadora o suficiente para favorecer uma interlocução crítica do Serviço Social com o campo dos direitos humanos, na direção do fortalecimento da pesquisa profissional em Ética e Direitos Humanos e do adensamento de uma cultura de defesa dos direitos humanos, o que vem ao encontro de nosso projeto ético-político profissional, do papel social da universidade e da pesquisa e da organização dos sujeitos coletivos, em sua luta por uma justiça global.

Bibliografia

ABONG. Desenvolvimento e Direitos Humanos: diálogos no Fórum Social Mundial. São Paulo: Peirópolis, Abong, 2002.

Amin, Samir e Houtart, François (orgs). Mundialização das resistências: o estado das lutas 2003. São Paulo, Cortez, 2003.

Barroco, M. L. S. Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos. São Paulo, Cortez, 2001.

_____ e Brites, C. M. Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos. In Temporalis, 05, Brasília: ABEPSS, 2002.

Díaz-Salazar, Rafael. Justicia global: las alternativas de los movimientos del Foro de Porto Alegre. Barcelona, Espanha: Editorial Içaria, 2002.

GEPE. Presença Ética I, II e III. Recife, Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco; 2001; 2002; 2004.

Gutierrez, G. Globalización y liberación de los derechos humanos. In El vuelo de Anteo: derechos humanos y crítica de la razón liberal. Organizado por Joaquin Herrera Flores. Bilbao, Espanha: Desclée, 2000.

Holloway, John. Mudar o Mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje. São Paulo: Viramundo, 2003

Loureiro, Isabel; Leite, José Corrêa; Cevasco, Maria Elisa (orgs). O espírito de Porto Alegre. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Mészáros, I. Marxismo e Direitos Humanos. In Filosofia, Ideologia e Ciência Social: ensaios de negação e afirmação. São Paulo, Brasil: Ensaio, 1993.

_____ O século XXI: socialismo ou barbárie? São Paulo. Boitempo, 2003.

NEPEDH. Direitos Humanos: Bandeira Cotidiana de Luta dos Movimentos Sociais Pela Afirmação dos Direitos e da Diversidade. In Temporalis, 05, Brasília; ABEPSS; 2002.

Trindade. J. D. de L. História Social dos Direitos Humanos. São Paulo: Peirópolis, 2002.

Nota - *Assistentes Sociais. Doutoranda e Doutora em Serviço Social. Vice e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos (NEPEDH-PUC/SP) e da Pesquisa "Ética e Direitos Humanos: unidade e diversidade do Fórum Social Mundial".

:: FÓRUNS SOCIAIS PELO MUNDO

:: Fórum Alternativo Mundial da Água. Data: 17 a 20 de Março, 2005. Lugar: Genebra, Suíça. Site: <http://www.fame2005.org/>

:: Fórum Social do Tocantins. Data: 01 a 03 de abril, 2005. Local: Araguaína - TO. Site: www.ajude.org.br. E-mail: ajude.org@bol.com.br

:: Fórum Social Mediterrâneo. Data: 16 a 19 de junho de 2005. Local: Barcelona, Espanha. Inscrições abertas no site: <http://www.fsmed.info>

:: Fórum Social Pan-Amazônico. Data: julho de 2006. Local: a definir na reunião do Conselho Internacional do FSPA, em Belém, dias 29 e 30 de março. Mais informações: <http://www.ivforumpan.com.br/index.asp>

:: Fórum Social Europeu. Data: em 2006. Local: Atenas, Grécia. Assembléia preparatória: 25 a 27 de fevereiro de 2005, em Atenas. Mais informações: <http://www.fse-esf.org>